

---

MARIA ÂNGELA D'INCAO  
UNESP — Campus de Marília, São Paulo

---

## A Casa, a Família e Modos de Vida

---

*O artigo trata das relações entre a casa, a família e a sociabilidade em dois períodos diferentes da vida urbana brasileira. Através do uso da literatura, procura-se descrições da família e da casa em suas relações com os outros, tentando encontrar padrões de sociabilidade nos períodos considerados. A sociabilidade ampla, própria do período que vai até*

*meados do século XIX, apresenta uma rede social aberta onde a rua faz parte da casa e onde não se encontra resistência a interações sociais. A sociabilidade restrita, por oposição, encontrada nas novelas urbanas posteriores, vai desenhar uma morfologia social distinta, onde o sentimento de privacidade e de estranhamento à rua serão crescentes.*

**A**credito que pensar a família a partir de um tipo de casa que a abriga hoje ou abrigou no passado possa ser útil e importante para se compreender aspectos da estrutura psico-social e cultural de uma sociedade, no caso, a brasileira. Talvez seja na maneira como as pessoas organizam e preenchem seu espaço mais próximo que se possa entender as sutilezas e profundezas que vão além do discurso. Do mesmo modo, compreender como os indivíduos se relacionam com o lado de fora, com o distante, no sentido como Bachelard o designa (Bachelard, 1964: 211-31), poderá elucidar muito a relação social do espaço e da mente mediados pela cultura e conhecimento do mundo.

Seria importante tentar traçar a topografia desse mundo interno e externo para se poder determinar a qualidade de mudança ocorrida no interior da sociedade brasileira, da família e, obviamente, do homem e da mulher e de suas relações.

Neste texto, pretendo mostrar alguns aspectos de minha pesquisa sobre família e sentimentos e, a partir daí, fazer algumas reflexões sobre o tema do espaço e sociedade no Brasil e suas relações com a família.

## **Família e sentimentos**

### **1. Ficção no início do século XIX: uma sociabili- dade ampla**

Desse modo, em primeiro lugar, farei uma breve exposição da família do passado e da direção que a literatura indica como tendo sido a seguida por ela e pela sociedade brasileira do ponto de vista dos sentimentos e da sociabilidade.

Em segundo lugar, apresentarei uma reflexão sobre a casa e a família e suas mudanças históricas e, finalmente, indicarei, à guisa de conclusão, alguns pontos para reflexão.

Para começar, a ficção brasileira desse período não fala muito sobre a família, tanto no sentido em que a conhecemos hoje em dia, como no sentido da chamada família patriarcal. Não existe o que se pode chamar de *a cultura da família*.

A primeira novela que eu gostaria de citar é *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antonio de Almeida. Como já tratei dela em outra ocasião (D'Incao, 1982), limitar-me-ei a citar alguns pontos para a caracterização do que entendo por sociabilidade ampla: esse romance foi publicado em 1854 e 55, mas trabalha com eventos que tiveram lugar no começo do século XIX, no Rio de Janeiro. Trata da vida de pessoas comuns e é um dos mais ricos romances com relação a informações acuradas sobre a vida social retratada (Cândido, 1970 e 1975). Entretanto, apesar de focalizar o nascimento e crescimento de um menino, Leonardo, ele não lida com essas questões propriamente ditas. Ao contrário, a estória trata da vida de pessoas adultas envolvidas com o menino, e com a rede de relações entre amigos e inimigos.

Não há o cultivo da infância, da maternidade e paternidade como nós o entendemos hoje. Através da estória, não há menção a coisas como dever paterno, amor materno, amor filial, responsabilidade familiar, enfim. Mas parece claro que os adultos deveriam assumir a responsabilidade dos pais na falta deles. E eles o fazem na novela: o padrinho toma a responsabilidade de cuidar do menino e o faz com determinação e com rigidez. A comadre sempre se empenha o máximo para ajudar o afilhado.

O romance sugere que a família entre pessoas simples, nesse período, não cultiva o monopólio da autoridade sobre a prole: digamos assim, do amor privado. Esse era distribuído entre várias pessoas adultas. Mais do que isso, a falta dos pais do menino não lhe fez mal algum. Esse fato não o perturbava, nem a ninguém mais, e era devido à rede de sociabilidade da qual participava que ele era amado ou odiado.

Um segundo ponto interessante a observar é que o romance não dá nenhuma prioridade à domesticidade e ao que poderia ser a criação da criança. O cultivo da domesticidade, o cultivo da casa, dos objetos dela, o cuidado da casa como um lar, como um lugar privado e o cuidado especial com a criação da criança estão ausentes desse tempo que a novela retrata. Ao contrário — e aqui nós vamos começar a comentar um outro ponto, o da relação entre a família e a comunidade —, a família, a polícia, a vizinhança, a cidade, os funcionários públicos, todos se relacionam entre si por um motivo ou outro e todo mundo acaba conhecendo tudo sobre a vida de todos.

67

Os episódios, onde o pai do menino e, mais tarde, o menino mesmo, vão para a cadeia, ilustram bem esse ponto. O esforço para tirá-los da cadeia, por parte da comadre, é enorme e envolve todos — desde a comadre até o rei, através de seus funcionários. A comadre atua entre vários de seus conhecidos e, entre eles, a mulher desempenha um papel fundamentalmente importante na rede social. O primeiro motivo para a ajuda parece ser o da amizade e o conhecimento que envolve a ajuda mútua, que é característica desse tipo de sociabilidade. No caso em questão, há, por parte da comadre, uma mistura de obrigação e dever advindos do *status* de ser comadre e, além disso, de um interesse difuso de fazer favor e, a partir daí, estabelecer relações de favores mútuos, onde a pessoa mais competente para resolver problemas amplia a sua rede de conhecimento e, portanto, seu poder.

Alguns anos mais tarde, a mesma cidade do Rio de Janeiro parece ter a mesma qualidade de sociabilidade, como Martins Pena retrata em suas 21 comédias. Essas comédias, escritas entre 1832 e 1845, são uma importante fonte para a compreensão da vida social do período. Sílvio Romero, homem e historiador de literatura do século XIX, diz que Martins Pena dá uma caracterização exata desse período. Diz que se se perdessem todas as leis, escritos e memórias dos primeiros cinquenta anos da história do século XIX e só as comédias de Pena restassem, seria possível reconstruir, a partir delas, a fisionomia moral da época (Romero, s/d). Dentro dessa opinião favorável das comédias de Martins Pena, acredito que é justificável tomar as cenas de família, descritas nessas comédias, como tendo sido muito próximas da realidade.

U Dado que as comédias cobrem um bom número de *status* econômicos e profissionais, não é simples dizer que parte exata da sociedade elas retratam. Porém, uma coisa é certa: elas descrevem uma parte da sociedade brasileira, a qual não tem nada a ver com o chamado setor patriarcal, que nesse período deveria estar mudando para a cidade do Rio de Janeiro (Freyre, 1936).

A grande discrepância entre os diferentes *status* econômicos dos personagens, os quais, algumas vezes, relacionam-se na mesma peça, leva-nos a inferir que as classes sociais ainda não eram claramente definidas no Brasil — pelo menos no tocante à interação ordinária do dia a dia. A uniformidade do comportamento social encontrado nessas comédias nos conduz à ideia de que havia uma atmosfera social comum entre as pessoas que não eram grandes proprietárias de terra. Isso significa que o sentimento de comunidade era ainda forte nesse período, apesar de que o estilo burguês de vida já tinha sido aceito como uma oposição ao modo de vida rural, tradicional. Maria Izaura Pereira de Queiroz observou muito bem esse aburguesamento, pelo qual as cidades brasileiras vinham passando, nesse mesmo período (Pereira de Queiroz, 1973: 56 a 61).

Nas comédias não se pode encontrar nenhum tipo forte de diferença entre vida rural e urbana. Apesar disto, algumas comédias são uma espécie de crítica à vida rural e um elogio à vida urbana. Isso é observável principalmente em *O Dileitante e o Sertanejo na Corte*, onde o caipira, o homem sem nenhuma espécie de atitude urbana, é objeto de chacotas por parte das pessoas urbanas que já estavam acostumadas à modernidade do Rio de Janeiro da época com seus cabeleireiros e moda franceses; suas máquinas, tais como pianolas, caixas de música, manequins nas vitrinas, mágicas de circo, óperas italianas e assim por diante. Todavia, a sociabilidade do período parece ser a mesma do começo do século, como veremos.

Nas comédias de Martins Pena deparamo-nos com um mundo onde a palavra do homem tinha importância, onde a relação entre os homens era mais íntima do ponto de vista da relação dos diferentes corpos: não parecia haver desconfiança entre as pessoas desconhecidas, onde uma simples referência já era suficiente para o contato. Nesse mundo tradicional brasileiro do século XIX, entre as pessoas comuns, como as descritas pelas Comédias, não havia a privacidade que hoje se requer para os membros de uma

casa. Pessoas que não pertenciam à família biológica ou social — fossem conhecidos, amigos, ou quase estranhos — a todos era permitido entrar na casa sem nenhuma espécie de elaborada mediação. Mais que isso, havia permissão a todos para discutir problemas relativos à família, tais como casamento e outros menos importantes. E havia permissão também para, além de entrar, andar pelos espaços da casa. As pessoas de casa não só não se estranhavam entre si como não estranhavam os de fora, caso contrário haveria a discrição e a contenção com relação a estes. Parece tratar-se verdadeiramente da existência da casa aberta.

Em *O Juiz de Paz na Roça*, as pessoas — fossem elas membros da família ou não — não precisavam pedir permissão para entrar numa casa particular. Algumas vezes as pessoas batem à porta e, quando o fazem, não há, por parte do visitante, a necessidade de esperar pela permissão para entrar. Alguém bate à porta e entra, fato que implica, entre outras coisas, que a porta não estava trancada. Somente quando o visitante está dentro da casa pede permissão: “desculpe-me, sr. fulano de tal ...”:

Esse comportamento não parece significar, de modo algum, rudeza. A linguagem desse período era extremamente educada. Costumavam dizer como saudação: “Deus esteja nesta casa!”, “Aqui está um servo da Senhora ou do Senhor!” e assim por diante.

Em *O Sertanejo na Corte*, há uma passagem onde o herói, o sertanejo, vai ao Rio de Janeiro em viagem de passeio e procura um conhecido de um amigo para se hospedar. Tão logo encontra a casa procurada, ele diz: “Aqui está a casa”. Bate palmas antes de entrar. De dentro uma voz pergunta: “Quem é?” O herói responde, já dentro: “Um criado da casa”. E Inês responde: “Pode entrar quem é”. Tobias: “Um criado da casa”; Inês: “Uma sua criada” (Pena: 72). O herói Tobias tem uma carta de recomendação para o dono da casa, que é um negociante no Rio de Janeiro. Quando essa carta é aberta, Pereira diz: “Tenho muito prazer em recebê-lo como meu hóspede, Tobias da Encarnação, primo de um amigo meu, o capitão-mor. Considere-se em casa”. E, como a peça nos mostra, ele realmente se sente em casa: anda por todo o lado, pergunta por tudo, mexe nos objetos e passa toda a tarde conversando com a filha do proprietário da casa.

Em *O Dileitante*, que retrata uma rica família, encontramos a mesma forma de sociabilidade. Essa família, cercada por

rica mobília de mogno, piano, sofás e mucambos, recebe como hóspede uma pessoa estranha a eles. Na verdade, o que o chefe da família sabe sobre o seu hóspede é que ele era um proprietário de terras e que era um roceiro, sem nenhuma espécie de finura urbana. Acidentalmente, esse homem era do interior de São Paulo. O hóspede entra em todos os espaços domésticos sem prévia permissão e os membros da família não acham isso estranho ou errado. Mais que isso, eles conversam entre si com respeito, mas muito abertamente. Os diálogos são muito claros nesse ponto: não havia necessidade de desempenho de papéis de representação além da situação de cada um. Na mesma peça há um outro personagem que revela a mesma qualidade de atitude. Trata-se de Gaudêncio, que quer se casar com a filha do dono da casa. Apesar de conhecer a família há apenas dois meses, ele é considerado como um velho amigo, sente-se à vontade para discutir todas as sortes de assuntos familiares. Sobre Gaudêncio, por coincidência, é relatado que esteve uma vez em São Paulo, onde foi hóspede de alguém não conhecido. De acordo com a comédia, uma família de São Paulo houvera recebido um mercador (Gaudêncio), vindo do Rio de Janeiro e, após oito dias, o mercador tinha pago a hospitalagem roubando a única filha da família. E o irmão da jovem raptada estava agora no Rio para encontrar o casal e obrigá-los a se casarem. Trata-se do paulista, o qual, explicando por que tinha sido difícil encontrar o casal, diz: "... Quando nós damos hospitalagem, não indagamos a quem" (Pena: 242). Então eles não sabiam nem sequer o nome do mercador-raptor!

Nós poderíamos ir adiante, procurando exemplos para ilustrar esse ponto, mas vamos agora nos voltar para outro aspecto desta análise. A maneira como as pessoas se reuniam, fosse para celebrações ou somente para se divertirem, era mais ampla e mais fácil, no sentido de que não havia convites formais ou pontos de etiqueta burguesa.

A "falta de cerimônia" entre pessoas que pertenciam a diferentes *status* sociais e entre pessoas desconhecidas indica a qualidade da sociabilidade da época. Todas as celebrações, tais como casamentos e outros eventos cotidianos, eram repartidas na mesma direção. Família e comunidade não eram ainda separadas, na metade do século XIX, entre pessoas comuns, conforme a literatura retrata. O tipo de família que as pessoas tinham era uma instância da natureza de sociabilidade que eles viviam.

Martins Pena mostra uma sociedade um pouco mais diferenciada que a que se encontra no começo do século XIX. Encontramos, então, em meados do século XIX, uma variação maior de ocupações, algumas almejando um *status* econômico alto. Apesar disso, até as pessoas que desfrutavam uma vida rica não tinham ainda perdido os laços com a comunidade. Até ali não se pode encontrar ainda traços seja da burguesia, seja da aristocracia entre pessoas comuns. A regra da ajuda mútua e a natureza da sociabilidade, que as pessoas dessa época desfrutavam, não nos autoriza a pensar diferentemente.

A concepção de tempo nesta sociedade era diferente: era o tempo não capitalista, não industrializado. As pessoas não eram pressionadas por horários ou falta de tempo. Ao contrário, algumas tinham todo o tempo do mundo à disposição, não tinham muito que fazer e, aparentemente, nem necessitavam fazer mais. Joaquim Manoel de Macedo, na novela *Os Dois Amores*, escrita em 1848, enfatiza esse ponto quando apresenta aos leitores um casal de pessoas fofoqueiras: “Esse casal vivia na mais íntima união; e tendo pouco ou nada a cuidar, eles gastavam seu tempo descobrindo mistérios... durante o dia Jacó tinha o seu lugar preferido sentado próximo à janela e só levantava de lá quando ele pensava ser conveniente seguir alguém... e Helena ajudava exemplarmente seu marido, ela conhecia todos os escravos das casas...” (Macedo: 23, 24). Então eles devotavam suas vidas a esse tipo de negócio: pegar informações sobre outras pessoas. Algumas podiam ser valiosas.

Nesse romance, não era somente esse casal que tinha tal privilégio. Aparentemente ninguém tinha muito o que fazer, nessa época, no Rio de Janeiro. Há um personagem, Rodrigo, cuja vida objetivava fazer o bem e proteger o herói da novela, Cândido, um bastardo, criado por uma senhora muito pobre em circunstâncias misteriosas. O trabalho de Rodrigo era de guarda de uma rica família. Isso, na verdade, era um meio de ele conseguir o que almejava: lá na casa rica, morava a mãe de Cândido, o herói, e Rodrigo queria vigiá-la.

É considerado pelos críticos de literatura brasileira que a importância de Macedo como escritor é a fidelidade ao seu tempo; suas personagens são conhecidas e familiares ao seu público. E assim também o meio social descrito em seus romances. Apesar de que nesse tipo de novela romântica nós já encontramos certos valores burgueses, tais como o amor como pré-condição ao casamento e alguns traços de eti-

queta, tudo é tão pré-burguês, que é mesmo difícil aceitar que a família burguesa teve seu nascimento nesse meio social. O meio social era tal, que as pessoas pobres e ricas habitavam os mesmos bairros. Mais do que isto, eles se visitavam sem barreiras sociais grandes. Empregados andavam em todos os lugares nas casas e, devido a isso, eles algumas vezes possuíam importantes informações. As pessoas mais velhas são apresentadas como sendo as mais sábias das novelas, sejam elas pobres ou ricas. Rodrigo, o guarda, com 60 anos de idade, é a única pessoa que sabe todo o segredo. Ele, um empregado, fala como um igual à filha e à neta da casa onde trabalha. Ele lhes dá conselhos filosóficos sobre a vida. Mais que isso, repreende Mariana (filha da casa) numa das mais emocionantes passagens do romance, porque ela tinha abandonado seu filho bastardo há 21 anos atrás. Ele lhe dá uma lição de moral e ela se submete a seu julgamento e, devido ao sentimento de culpa religioso, acaba por querer conhecer seu filho (Macedo, s/d: 505-520).

Poderia o sentimento de Mariana ser considerado o resultado do cultivo da maternidade, como isto é visto na família burguesa? Olhemos um pouco mais de perto essa passagem: a mãe, Mariana, é possuída pelo sentimento de culpa, numa situação extrema, onde todos os seus sonhos de casar com o homem que ela ama estão arruinados. Então ela planeja suicidar-se e é nessa situação que reconhece todos os males que havia feito a sua criança bastarda. Então, o sentimento de culpa emerge. Deus a punia, arruinando seus planos de se casar, porque ela havia matado a sua criança (ela, na verdade, não só havia pensado em fazer isso, como de fato pensava tê-lo feito).

As mudanças que envolvem a família já estavam em curso no Brasil. Os valores burgueses estão já em funcionamento neste período, mas levarão algum tempo ainda para se tornarem mais gerais e mais fortes (D'Incao, 1987a). Maternidade, nesse período, ainda não era o objetivo da mulher. Isso acontecerá mais tarde, no século XIX — como nos romances de Machado de Assis.

## **2. O processo de mudança em direção a uma sociabilidade restrita: a família burguesa brasileira**

Até aqui não há razão para se pensar que havia uma forte separação entre família e comunidade entre diferentes setores da sociedade brasileira pelos meados do século XIX. Até mesmo nos estratos mais altos, a sociabilidade permanece a mesma em muitos aspectos. Então, a comunidade



e as pessoas estranhas não eram ainda vistas como sendo o lado mau e pecaminoso da vida, como Hermann Hesse os vê em *Demian*. Isso significa que a família não era ainda fechada sobre si mesma, no sentido que a família burguesa vem a ser.

Apontaremos neste trabalho duas características da família burguesa ou da sociabilidade burguesa com relação à família: uma delas é expressa pelo cultivo da domesticidade, que aparece cada vez mais nos romances a partir deste período. Outra é o cultivo da privacidade doméstica, dos espaços domésticos. Essas duas características só aparecem e se tornam um valor quando, evidentemente, outros valores também passam a ser priorizados na sociedade como um todo, a saber: o individualismo (sobrepuesto ao grupo ou clã, família ou tribo); e o cultivo da livre-escolha — por amor, em geral — no casamento. Esse “golpe de amor”, digamos assim, vai contrariar e aniquilar, pelo menos a nível do discurso, o casamento por aliança política e econômica. A verdade é que, mesmo dentro da mesma classe social (casamentos homogâmicos), o fato de a pessoa — mulher ou homem — ter uma escolha por amor, faz certamente alguma diferença nas relações entre os membros da nova sociedade familiar.

Podemos encontrar um exemplo para essa questão no romance *Senhora* de José de Alencar, o qual, escrito em 1865, retrata uma estrutura social urbana mais definida (Pereira de Queiroz, 1973). Há uma clara definição entre pobres e ricos. A estória é, entre outras coisas, sobre a dificuldade que era, para alguns, não ser rico suficientemente para brilhar na alta sociedade. Esse romance lida com uma estória de amor, onde uma jovem pobre, Aurélia, é abandonada pelo homem que ela ama, Seixas, devido a razões econômicas. Seixas, um caráter um tanto duvidoso, é atraído pelo dote de 30 contos de réis que lhe foi oferecido pelo pai de uma outra moça. Aurélia sofre horrores. Por acaso ela recebe uma herança, uma fortuna enorme, e esse fato lhe dá posição e prestígio na sociedade. Ela agora possui todas as qualidades: beleza, bom caráter, dinheiro e inteligência. Mais que isso, ela põe tudo isso em funcionamento e planeja um golpe perfeito para comprar Seixas por 100 contos de réis. E ela o consegue. Finalmente, porque esta estória é uma estória romântica, Seixas, com os bríos exacerbados, consegue, através do trabalho que tinha numa repartição pública, pagar parte do dinheiro do dote que ele já havia

gasto e se sente livre novamente. Aurélia, vendo que Seixas vai partir para sempre, lança-se a seus pés pedindo perdão. Com a finalidade de restaurar o clima necessário nesta estória de amor, Alencar faz Aurélia deixar toda a fortuna dela para Seixas. Com isso temos aquilo que a ideologia da família burguesa vai aos poucos exigindo: a superioridade do homem em todos os aspectos, uma vez que é esperado que ele seja o cabeça do casal, o guia da família em todas as eventualidades, o forte, em oposição à fragilidade e insensatez da mulher. Os papéis sociais da nova família já começavam a ser organizados. Nesse caso, Aurélia, com toda a inteligência, beleza e poder, entrega tudo para o amor e senhor como prova de amor.

O casamento — que foi, então, por dinheiro, uma aliança econômica — ganha um sentido novo quando o amor se estabelece como prioridade das relações: o dinheiro passa a ser um impecilho, ou pelo menos, um impecilho enquanto propriedade da mulher. E, assim, com o domínio da situação transferido para o homem, o casal pode ser feliz novamente e para sempre.

A primeira oposição entre o indivíduo e a sociedade, a comunidade, é expresso nas novelas brasileiras urbanas principalmente através da escolha pessoal no casamento. A segunda oposição entre o homem e a comunidade é vista através da ascensão da família burguesa, com a adoção das atitudes de privacidade e de domesticidade. O foco descritivo nas novelas se dirige, paulatinamente e mais intensamente, para os interiores da casa, das mentes e das relações entre pais e filhos.

Os romances posteriores a José de Alencar, especialmente os de Machado de Assis, vão tratar desses temas. Todavia, para finalizar essa parte, vou me limitar a citar uma passagem do romance de Mário de Andrade, *Amar, Verbo Intransitivo*, escrito em 1927 na cidade de São Paulo.

O romance começa com o contrato e trabalho de uma senhora alemã, uma espécie de governanta, para ensinar as práticas do sexo para um adolescente. A mãe, Dona Laura, “uma santa”, não sabia nada sobre isso, claro! Esse assunto é apresentado como sendo cru para tal senhora: uma doce e gorducha mãe que não tinha jeito algum para tudo que não fosse doméstico.

Há uma passagem que ilustra bem os sentimentos da família em relação a estranhos. Trata-se de uma vez em que

toda a família, incluindo a governanta, está viajando de trem. As crianças estão fazendo o barulho costumeiro. Os três adultos — pai, mãe e governanta — tratam incessantemente de controlá-los. No momento em que estão comendo um sanduíche, o trem dá um chacoalhão e a mais nova das meninas cai no colo de uma senhora, vizinha de banco, que a segura. Quando a menina descobre o menino da senhora vizinha, insiste em oferecer o sanduíche dela a ele. O menino acaba aceitando, após alguns momentos de hesitação e agradece. Quando o pai da menina consegue finalmente tirá-la desta situação embaraçosa, o romance diz: “D. Laura e Souza Costa, no íntimo, estavam satisfeitos com o desprendimento da filha. Não há dúvida que lhes assustava muito o recato essas simples aparências de contágio com desconhecidos, mas enfim a estranha era visivelmente uma senhora distinta” (Andrade, s/d: 114-146).

Estamos agora assistindo a um novo mundo familiar no contexto urbano civilizado brasileiro: o mundo burgês, que não tem laços com a comunidade e com os diferentes.

Nesse mundo, a família se constitui em um mundo em si mesmo. É auto-suficiente e toda a autoridade vem do cabeça do casal, o pai, o novo patriarca. Agora, nessa nova realidade, que atinge também as relações entre a família e a sociedade, as pessoas precisam aprender sobre coisas comuns como o sexo e o amor. Mais que isto, precisam aprender a ter o sentimento correto sobre estas coisas. As emoções comuns acabam por ser controladas, civilizadas. Quando isto ocorre, a sensibilidade burguesa está instituída.

### A casa e a família

De acordo com a literatura utilizada na análise acima feita, a casa parece ter mudado muito, pelo menos no que se refere às casas propriamente ditas, de certo modo descritas nas novelas e comédias. Nessa leitura feita, verifica-se que, até próximo à chegada do século XX, não há uma preocupação em descrever interiores domésticos nessa literatura. Evidencia-se, porém, um fenômeno interessante: as cenas que aparecem descritas são em grande número vindas das áreas de uso social amplo, isto é, ruas, igrejas, vizinhança ou locais de celebrações coletivas, procissões e piqueniques. Esse é o caso, evidentemente, de *Memórias*. Quando as cenas ocorrem em casa, não há a preocupação do narrador em descrever ambientes. O que, para nossa análise, é significativo.

Parece haver, nessa literatura, quase que uma coincidência entre as descrições de interiores de casas e o advento de descrições intimistas e psicológicas. É o caso dos romances e contos de Machado de Assis.

Aprendemos com Nestor Goulart Reis Filho (1987) que no passado eram as casas que delimitavam as ruas e que as mesmas eram os limites do passeio. Com as transformações socio-econômicas e tecnológicas pelas quais passaria a sociedade brasileira durante a segunda metade do século XIX, os velhos modos de construir e de habitar seriam desprestigiados. Com essas mudanças estão relacionados, não só a modernização dos transportes e tecnologia, mas também o advento de novos hábitos de morar que vieram com os imigrantes e suas concepções diferentes de residência e de utilização dos lotes urbanos.

É bom lembrar que as novas formas não se apoiavam mais tão largamente no sistema servil. Por exemplo, a presença de instalações hidráulicas dispensava em grande parte o serviço braçal (Reis Filho, 1987:44). Diz Reis Filho que no Rio de Janeiro, por influência da Corte, verificava-se um desprestígio dos hábitos tradicionais e uma valorização dos novos costumes. A concretização destes hábitos estava evidentemente na dependência da existência de empregados domésticos remunerados, mais sofisticados e, em geral, europeus (*ibid.*: 44-48).

O novo esquema de construção consistia em recuar o edifício dos limites laterais do lote, não se construindo mais as filas de casas como nos tempos coloniais. O recuo era mais de um lado que de outro, e do lado mais largo havia, nas casas mais ricas, o jardim. As casas modestas, ao invés dos jardins, ganhavam, para a solução da iluminação, corredores com escadarias e portões. As casas ainda se conservavam sob o alinhamento das vias públicas.

Essa tendência, ainda de acordo com Reis Filho, teria ampla aceitação e generalidade nas novas casas construídas após a libertação dos escravos e a proclamação da República. Desaparece, assim, a uniformidade dos esquemas das residências, que foi o traço marcante da fase colonial (*ibid.*: 50) e, com elas, as alcovas.

A mudança seguinte vai ser o deslocamento da fachada em relação à via pública. Durante o século XIX são as mudanças da arquitetura e urbanismo resolvidas pela relação arquitetura-lote urbano sem que este fosse modificado grandemente, ou sendo-o apenas nas dimensões. Tudo

extremamente discreto e lento. Todavia são mudanças que, entendemos, evidenciam o advento do individualismo, procurando maneiras novas e individuais de solução em que, juntamente com o afastamento da rua, o cultivo das fachadas já pode ser visto, num próximo momento, como um distanciamento em relação à rua e aos vizinhos. Esse movimento, que Reis Filho mostra como tendo sido um distanciamento para o jardim lateral e frontal, num segundo momento vai produzir uma casa isolada sem relações tão próximas com a vizinhança e com o mundo de fora. Assim, também, a literatura desse período vai descrever o tipo de família que habita essa nova casa, como já vimos acima.

Será o café que trará a modernização da arquitetura no século XIX, segundo o arquiteto Carlos Lemos. O desbravamento do Vale do Paraíba pelo café trouxe a possibilidade da construção de casas ao lado dos cafezais e mesmo a criação de cidades como São José do Barreiro e Bananal. Lemos acredita que foi a classe média cafeeira a propagadora da arquitetura moderna, desde os tempos de D. João VI. De acordo com o autor, foi essa classe que "... consolidou a planta típica da casa térrea, casa assoalhada, de corredor central e, para cada lado desse eixo de simetria, as salas de receber na frente da construção. Atrás, a varanda ocupando toda a largura do terreno. No centro, no miolo, embaixo da cumeeira, a bateria de alcovas, algumas deitando portas para a sala de visitas, as outras comunicando-se com a varanda, onde se vivia. A cozinha e dependência de serviço em um puxado lateral" (Lemos, 1985: 33-35).

E as visitas ainda não frequentavam a enorme sala íntima, que era a varanda da grande mesa de comer, das redes rangedoras, das gaiolas de passarinho, das begônias, do alto relógio de pêndulo, das crianças brincando pelo chão. Os hóspedes dormiam nos quartos escuros, acessíveis às salas, sempre formalmente decorados com suas cadeiras de palhinha e espelhos pelas paredes. Escarradeiras e cortinas. Vasos em flor (*ibid.*: 34-35), pianos fechados.

Diz Lemos mais adiante:

Os condicionamentos culturais antigos, por exemplo, talvez remotamente ligados aos costumes mouros, determinavam uma segregação dos aposentos familiares, não só das camarinhas de dormir, mas de toda a zona de estar íntima, livrando-se dos olhares e convívio de estranhos, a quem se destinavam as salas da frente. E cada alcova era um pequeno, abafado, escuro e exclusivo universo do

morador, por educação avesso a promiscuidades ou intimidades além de um cordial cumprimento matinal, ou de um respeitoso pedido de bênção aos pais.

Daí a circulação antiga muito clara: a porta da rua ligando ao mundo de fora, ao chafariz, à roça, ao rebanho, ao quintal, à varanda de todos os dias, à cozinha fumarenta, através do corredor, quase que um beco escuro, a espinha dorsal da organização doméstica... (*ibid.*: 77).

No final do século, uma outra circulação, ou seja: dois corredores paralelos. Um, externo, descoberto, ligando o portão de fora à "varanda"; e outro, coberto, no interior, ligando a sala da frente e o gabinete à mesma sala de jantar, passando ao largo dos dormitórios... A novidade, diz Lemos, não estava só no corredor externo, mas também na inexistência, em cerca de 50% das casas médias, do corredor interno, sendo a circulação feita por dentro dos dormitórios encarreirados (*ibid.*: 98).

É somente a partir da Primeira Guerra que se define um outro tipo de circulação, sem corredores. De acordo ainda com Lemos, isso se deu talvez por necessidade de um aproveitamento de áreas, ou talvez não desejassem segregações maiores. Ainda diz:

As casas, já bem isoladas, pelo menos de um dos lados, se térreas, tinham seus dormitórios ligados diretamente à sala, ou às salas, agora centralizadas. E surgiu também o *hall*, o vestíbulo de distribuição, que permitiu circulação "independente", então o máximo conforto nas casas bem postas, que tinham bem definidas as três zonas de serviço, de estar e de repouso. O *hall* permitia que se fosse de uma zona a outra, sem que se cruzasse a terceira. No *hall* ficava a escada de ligação dos quartos, nos casos dos palacetes assobrados. Foi a moda da entrada íntima pela lateral, pela passagem de acesso do automóvel à garagem. A sala de visita, sempre na frente, também possuía portas para o exterior — destinadas somente aos visitantes de cerimônia. Vivia-se à moderna, construções arrojadas, porque os tempos eram outros (*ibid.*: 78-80).

Essas mudanças arquitetônicas, descritas por Reis Filho e por Lemos, para a casa burguesa, sem dúvida ajudam a compreender o movimento de mudança em relação à família e à comunidade. A casa se torna fisicamente isolada da comunidade e da vizinhança.

As modificações ocorridas na circulação são também muito significativas dessas mudanças. Entendemos, porém,

que essa segregação das áreas íntimas talvez se devesse mais a outros fatores que propriamente à necessidade, alegada por Lemos, de privacidade.

Talvez não fosse errôneo pensar que nessas casas de elite houvesse sempre uma representação social a se desempenhar. Daí — e porque nessas épocas recebiam-se mais estranhos do que na modernidade — a sala de visita e a alcova para hóspede serem separadas do restante da casa.

As áreas íntimas, segundo Reis Filho, não eram modernizadas como as partes sociais vieram a ser: eram ainda rurais e desorganizadas. Talvez a privacidade e distância a que Lemos se referiu sejam mais resultado da ordem estamental, a que a família antiga estava ligada. A bênção é uma característica dessa ordem. A distância das gerações e dos sexos também.

Não fosse assim, como entender a possibilidade da circulação entre os quartos, mencionada por Lemos e encontrada até hoje em casas desse período? Somente uma não privacidade dos corpos e das mentes poderia permitir essa solução de circulação.

É então a partir da Primeira Guerra que se instala mais propriamente o modo de viver burguês, onde a privacidade dos corpos e das mentes é essencial. O corredor desaparece, mas as áreas de estar, serviço e de repouso se especializam, tornam-se independentes, não se entrecruzam mais.

Trata-se evidentemente de um tipo diferente de família: nela, o estar junto não significa a não individualização. Ao contrário, essa relação social é nova porque vai permitir uma intimidade das mentes a partir da valorização das relações afetuosas familiares. Mas, ao mesmo tempo, vai tornar os indivíduos cada vez mais isolados em seus aposentos e, se juntos, no seu psiquismo.

A sala de estar hoje talvez seja um campo — um campo de batalha de emoções, de guerra surda, mas constante e em busca da individualidade.

Refletindo sobre essas questões, tendo em vista a sociedade brasileira, acredito que através do estudo da sociabilidade é possível compreender muito dessas mudanças e, claro, das não-mudanças, no que diz respeito aos grupos sociais. Certamente um maior grau de liberdade individual com relação ao grupo social (seja ele família, clã, tribo ou comunidade) será sempre o mediador, o termômetro da mudança.

Sabemos, através da história de cidades brasileiras no passado, que houve uma tendência a civilizar, limpar, higienizar as ruas de cidades como Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, desde o século XIX. Com isso, não só houve a proibição do uso particular que se fazia das ruas como extensão dos quintais, mas também se deu a expulsão de representações sociais populares consideradas de mau gosto, como é o caso da substituição do *entrudo* e do *youê me conhece?* pelo carnaval veneziano, conforme mostra Von Simson para a cidade de São Paulo.

Essa modernização desloca de vez as classes menos abastadas dos centros e, com elas, a sua sociabilidade e manifestações comemorativas. No exemplo citado, a transformação do carnaval veneziano sugere uma atitude civilizatória com referência a grupos "incivilizados" que, ao praticarem os jogos de *entrudo*, jogavam água nas pessoas. É característica dessa atitude civilizatória a recusa a brincadeiras que envolviam a aproximação dos corpos de modo grupal e incontrolado. Do ponto de vista do código civilizado, jogar água ou laranjinhas nas pessoas está muito próximo do selvagem, porque não se pode prever quando vai acontecer. Isso tem algo a ver com a representação do corpo e, certamente, com o processo de individualização no qual nós já estávamos engajados. O corpo, para se individualizar, precisa antes de ser controlado: as brincadeiras precisam ser rearranjadas e recodificadas, algumas precisam mesmo de ser excluídas. Como mostra Maria Izaura Pereira de Queiroz, as massas urbanas voltam para os locais centrais da cidade do Rio de Janeiro por volta da década de 50, mas dentro da domesticação da ordem, numa complicada reorganização de poder entre as classes sociais. A escola de samba no Rio adota, segundo Maria Izaura, valores e maneiras de ser das camadas superiores; isso é percebido tanto na administração burocrática, como nas eleições democráticas das diretorias, na competição entre elas e na escolha de temas eruditos, numa clara aceitação dos códigos civilizados da sociedade dos grupos dominantes.

As ruas das cidades se transformam pouco a pouco em lugar de representação da classe civilizada, dos cidadãos, dos homens de negócios e das mulheres coquetes e elegantes desde o século XIX. A rua, o lado de fora da casa, se torna público e, nesse sentido, com regras universais. Há o policiamento para se garantir o exercício da cidadania nas ruas. Por oposição, o espaço doméstico se torna privado.



Para finalizar, lembro que O'Donnel, em suas considerações sobre a privatização do público em São Paulo, fornece a nós, brasileiros, um importante retrato de nossa maneira de usar o público. O'Donnel, a partir de microcenso, reflete sobre a difícil conquista da cidadania em um país que, certamente, tem relações presentes bastante patrimoniais. Acredito que este ponto, associado ao tipo de sociabilidade, possa explicar mais completamente a dificuldade de nos fazermos cidadãos. ■

## Referências Bibliográficas

82

- Almeida, M. A. 1944 *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Andrade, M. s/d *Amar, Verbo Intransitivo*. 7ª Ed., Martins Ed.
- Bachelard, G. 1964 *The Poetics of Space*. Boston, Beacon Press.
- Cândido, A. 1970 "Dialética da Malandragem", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 8.
- Cândido, A. 1971 *Os Parceiros do Rio Bonito*. Liv. Duas Cidades.
- Cândido, A. 1975 *Formação da Literatura Brasileira*. Rio, Livraria José Olympio Ed.
- D'Incao, M. A. 1982 *Sobre a Família Brasileira no Século XIX*. Congresso dos Americanistas, Manchester, Inglaterra.
- D'Incao, M. A. 1987 *Formas de Sociabilidade*. IV Congresso da ASEP, São Paulo.
- D'Incao, M. A. 1989 "Amor Romântico e Família no Brasil", in M.A. D'Incao (org.), *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto.
- Da Matta, R. 1985 *A Casa e a Rua*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- Freyre, G. 1933 *Casa Grande e Senzala*. Vol. I e II.
- Freyre, G. 1936 *Sobrados e Mucambos*. Vol. I e II.
- Fukui, L. 1979 *Sertão e Bairro Rural*. Col. Ensaios, São Paulo, Ed. Ática, n.º 58.
- Lemos, C. A. C. 1985 *A Memória Burguesa*. São Paulo, Nobel.
- Macedo, J. M. s/d *Os Dois Amores*. Clássicos Brasileiros.
- O'Donnel, G. 1988 "O Público e o Privado", *Novos Estudos*. São Paulo, CEBRAP, n.º 22 (Outubro).
- O'Donnel, G. 1988 "Situações – Microcenas de privatização do público em São Paulo", *Novos Estudos*. São Paulo, CEBRAP, n.º 22 (Outubro).
- Oliven, R.G. 1985 *A Antropologia dos Grupos Urbanos*. Rio de Janeiro, Vozes.
- Pena, Martins *Comédias*. Ed. de ouro.
- Pereira de Queiroz, M. I. 1973a "Do Rural e do Urbano", in Szmrecsányi, T. e Queda, O. (org.), *Vida Rural e Mudança Social*. Ed. Nacional.
- Pereira de Queiroz, M. I. 1973b *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo, Liv. Duas Cidades.
- Pereira de Queiroz, M. I. 1976 *Escravos e Mobilidade Social Vertical em dois Romances do Século XIX*. Caderno n.º 9, CERU.

- |                             |      |  |
|-----------------------------|------|--|
| Pereira de Queiroz, M. I.   | 1986 | "Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a Domestificação da Massa Urbana", <i>Cadernos CERU/USP</i> , Série II, n.º 1, São Paulo. |
| Reis Filho, N. G.           | 1987 | <i>Quadro na Arquitetura no Brasil</i> . São Paulo, Ed. Perspectiva [6.ª Ed.].   |
| Romero, S.                  |      | <i>História da Literatura Brasileira</i> . Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed.   |
| Salem, T.                   | 1980 | <i>O Velho e o Novo</i> . Rio de Janeiro, Ed. Vozes.   |
| Salem, T.                   | 1985 | <i>Família em Camadas Médias: uma Revisão da Literatura Recente</i> . (mimeo).   |
| Schwarz, R.                 | 1977 | <i>Ao Vencedor as Batatas</i> . São Paulo, Liv. Duas Cidades.  |
| Velho, G.                   | 1975 | <i>A Utopia Urbana</i> . Rio de Janeiro, Zahar Ed.   |
| Von Simson, O. R. de Moraes | 1986 | "Os Poderes Públicos na Transformação do Carnaval Paulistano", <i>Cadernos CERU/USP</i> , Série II, n.º1, São Paulo.             |